

As funções do espaço na literatura

The spaces' function in literature

Oziris Borges Filho

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

oziris@oziris.pro.br

Resumo

Neste trabalho apresentamos uma reflexão sobre algumas das possíveis funções que as representações do espaço podem assumir no texto literário.

Palavras-chave: Espaço; função, toponálise.

Abstracts

This paper presents a reflection on some of the possible functions that the representations of space can take in literary text.

Key-words: space, function, toponalysis.

Quanto ao trabalho da encenação, a arte do cenógrafo tem mais importância que a do poeta. (ARISTÓTELES, s.d., 249)

Essa passagem do Estagirita mostra-nos o quão importante é a criação do espaço na encenação teatral. Por analogia, pode-se afirmar que a armação do espaço na obra literária é igualmente importante para as ações da personagem e desempenha inúmeras funções dentro da narrativa.

Também na retórica antiga, percebe-se a importância da espacialidade. Para efeitos de demonstração de suas idéias, o orador, segundo os clássicos, dispunha das categorias gerais ou lugares (*loci*) que se dividiam em de pessoa ou de coisa. Nesta última categoria, *argumenta a re*, trabalham-se as questões por quê?, onde?, quando? como? entre outras. Veja-se a esse respeito o que diz Curtius (1996):

A subdivisão desses topoi de coisa é, por sua vez, muito sutil. Interessam-nos somente que para a pergunta onde? haja um argumentum a loco e para a pergunta quando? um argumentum a tempore. Aquele (V, 10,37) procura conseguir provas conforme a natureza do local do ocorrido. Era montanhoso ou plano, situado à beira-mar ou no interior? Cultivado, habitado, deserto? etc. Corresponde ao mesmo critério o argumentum a tempore. Quando aconteceu o fato? Em que estação do ano e em que hora do dia?, etc.

Percebe-se o quão importante é a construção do espaço desde a prosa retórica. Obviamente, essa importância não diminui no que tange ao texto literário. Aí também o espaço desempenha funções importantíssimas. Reforça esse conceito a opinião de Erich Auerbach sobre a obra de Balzac:

... tout milieu devient pour lui une atmosphère physique et morale qui imprègne le paysage, l'habitat, le mobilier, les objets, les vêtements, le

corps, le caractère, les relations, les opinions, l'activité et le destin des individus, et en même temps la situation historique générale apparaît comme l'atmosphère globale qui enveloppe tous ces milieux particuliers. (apud Hamon, 1991, 246)

A criação do espaço dentro do texto literário serve a variados propósitos e seria tarefa ingrata e fracassada separar e classificar todos eles. Entretanto, entre essas funções do espaço poderíamos destacar algumas. É o que faremos a seguir.

1. Caracterizar as personagens, situando-as no contexto sócio-econômico e psicológico em que vivem.

Muitas vezes, mesmo antes de qualquer ação, é possível prever quais serão as atitudes da personagem, pois essas ações já foram indicadas no espaço que a mesma ocupa. Note que esses espaços são fixos da personagem, são espaços em que elas moram ou freqüentam com grande assiduidade.

Segundo Osman Lins

O espaço caracterizador é em geral restrito — um quarto, uma casa —, refletindo, na escolha dos objetos, na maneira de os dispor e conservar, o modo de ser da personagem. (LINS, 1976, 98)

Um exemplo clássico dessa afirmação, é a descrição que o narrador faz do quarto de Fernando Seixas no romance *Senhora*, de José de Alencar. Através dessa descrição percebemos claramente o caráter de Seixas. É uma personagem que vive só de aparências. Aliás, o próprio narrador comenta esse fato. Veja-se a esse respeito o trecho retirado do capítulo V do referido romance:

Outra singularidade apresentava essa parte da habitação: era o frisante contraste que faziam com a pobreza carranxa dos dois aposentos certos objetos, aí colocados, e de uso do morador.

Assim no recosto de uma das velhas cadeiras de jacarandá via-se neste momento uma casaca preta, que pela fazenda superior, mas sobretudo pelo corte elegante e esmero do trabalho, conhecia-se ter o chique da casa do Raunier, que já era naquele tempo o alfaiate da moda.

Ao lado da casaca estava o resto de um traje de baile, que todo ele saíra daquela mesma tesoura em voga; finíssimo chapéu claque do melhor fabricante de Paris; luvas de Jouvin cor de palha; e um par de botinas como o Campas só fazia para os seus fregueses prediletos.

Sobre um dos aparadores tinham posto uma caixa de charutos de Havana, da marca mais estimada que então havia no mercado. Eram regalias como talvez só saboreavam nesse tempo os dez mais puros fumistas do império.

(...)

Um observador reconheceria nesse disparate a prova material de completa divergência entre a vida exterior e a vida doméstica da pessoa que ocupava esta parte da casa.

Em resumo, inúmeras vezes, o espaço é a projeção psicológica da personagem. E essa projeção pode ser de uma característica intrínseca da personagem ou de um estado momentâneo.

2. Influenciar as personagens e também sofrer suas ações.

Outras vezes, o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem. Muitas vezes, o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira. Os exemplos mais claros dessa relação poderão ser encontrados, na literatura brasileira, nos romances naturalistas. Exemplo dessa função espacial pode ser encontrada na personagem Jerônimo de *O cortiço* de Aluísio Azevedo. Vindo de Portugal, Jerônimo, no início do enredo é o mais trabalhador de todos os habitantes do cortiço. No entanto, com o tempo, vai sendo influenciado pelo espaço em que vive até se tornar um trabalhador relapso. O que era diferente vai-se homogeneizando através do espaço em que vive. Nesse caso, o espaço não reflete a personagem, ele a transforma. Exemplifique-se com o início do capítulo IX de *O cortiço*:

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati "pra cortar a friagem".

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava

gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abasileirou-se. A sua casa perdeu aquele ar sombrio e concentrado que a entristecia; já apareciam por lá alguns companheiros de estalagem, para dar dois dedos de palestra nas horas de descanso, e aos domingos reunia-se gente para o jantar. A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa; a carne-seca e o feijão-preto ao bacalhau com batatas e cebolas cozidas; a pimenta-malagueta e a pimenta-de-cheiro invadiram vitoriosamente a sua mesa; o caldo verde, a açorda e o caldo de unto foram repelidos pelos ruivos e gostosos quitutes baianos, pela muqueca, pelo vatapá e pelo caruru; a couve à mineira destronou a couve à portuguesa; o pirão de fubá ao pão de rala, e, desde que o café encheu a casa com o seu aroma quente, Jerônimo principiou a achar graça no cheiro do fumo e não tardou a fumar também com os amigos.

Da mesma maneira, porém de forma mais sutil, influenciado pelo espaço a personagem se comporta de maneira diversa. Em outras palavras, diferentes espaços engendram diferentes atitudes. É o que podemos observar em Lotman(1978)

Mas não é apenas indo de uma personagem para outra que deparamos com diversas normas de conduta — a espaços determinados são próprias regras e normas particulares de conduta —, Nicolau Rostov não se comporta no regimento como em sua casa, nem no campo como em Moscovo. Quando o herói se encontra no baile ou no campo de batalha, a sua conduta não é regulada somente pelas normas do seu caráter, mas também pelas normas gerais do lugar. (p. 447)

Assim, a mesma personagem agirá diferentemente no escritório de trabalho e na cozinha de sua casa, por exemplo. Não só por seu caráter, mas por ocupar espaços diferentes. Nesse sentido, é muito importante numa toponímia observar-se essas mudanças provocadas na personagem pelo espaço.

Outras vezes, não é o espaço que influencia a personagem, mas o contrário: a personagem transforma o espaço em que vive, transmitindo-lhe suas características ou não. É o que acontece no romance *A casa dos espíritos* de Isabel Allende. O protagonista, Esteban Trueba, altera a natureza, transformando Las Três Marías em uma das fazendas mais produtivas do Chile.

3. Propiciar a ação.

Uma função muito simples do espaço é a de propiciar a ação que será desenvolvida pela personagem. Nesse caso, não há nenhuma influência sobre a ação. A personagem é pressionada por outros fatores a agir de tal maneira, não pelo espaço. Entretanto, ela age de determinada maneira, pois o espaço é favorável a essa ação.

Exemplificando, podemos tomar o romance *O guarani*. Peri, o protagonista do romance, vive em um espaço aberto, amplo, características que o fazem movimentar-se para todos os lados, correr, saltar, atirar flechas, etc. Nada disso seria possível num espaço fechado e restrito. Nesses casos, o espaço favorece as ações da personagem.

4. Situar a personagem geograficamente.

Às vezes, o espaço assume uma função denotativa. Nesses momentos, o espaço é meramente factual, pobre, por assim dizer, na medida em que não possibilita uma imbricação simbólica com as personagens. Em outras palavras, não há nenhuma relação de pressuposição entre personagem, espaço e ação. A função do espaço é apenas dizer onde está a personagem quando aconteceu determinado fato. Por exemplo, suponhamos um caso de demissão do trabalho. A personagem é descrita numa sala em que se encontra o patrão. A personagem sai e é só isso. A sala, de modo algum, caracteriza a personagem. Não há outra função dentro da narrativa a não ser a de informar onde o fato aconteceu. Nenhum aspecto simbólico, psicológico ou social povoa o espaço. Apenas o evento em si importa, o espaço é inteiramente denotado. No entanto, esses espaços são importantes na arquitetura geral da obra.

5. Representar os sentimentos vividos pelas personagens.

Esses não são espaços em que a personagem vive, mas são espaços transitórios, muitas vezes, casuais. Assim, em determinadas cenas, observamos que existe uma analogia entre o espaço que a personagem ocupa e o seu sentimento. Por exemplo, teremos uma cena de alegria que se passa sob o sol fresco de um fim de tarde, brilhante, num céu com poucas nuvens e passarinhos voando. Parece que, como a personagem, a natureza está alegre, portanto há uma relação de homologia entre personagem e espaço. Trata-se de um espaço homólogo.

6. Estabelecer contraste com as personagens.

Nesse caso, ocorre o oposto do mencionado anteriormente. Isto é, não há nenhuma relação entre sentimento da personagem e espaço. O espaço mostra-se indiferente, estabelece uma relação de contraste. Por exemplo, suponhamos que o protagonista tenha perdido sua mãe, devido a uma terrível infecção. No momento do enterro, temos o seguinte espaço: sol, céu azul, poucas nuvens, vento fresco, passarinhos cantando alegremente. Nesse caso, o espaço estabelece um contraste com

o íntimo da personagem, há, portanto, uma relação de heterologia. Trata-se de um espaço heterólogo.

7. Antecipar a narrativa.

Através de índices impregnados no espaço, o leitor atento percebe os caminhos seguintes da narrativa. Em outras palavras, há uma prolepse espacial. Por exemplo, suponhamos que o herói está se escondendo de seu algoz. O narrador, ao apresentar o espaço em que o herói se encontra, mostra-nos uma faca em cima de uma mesa. Momentos depois, é justamente aquela faca que servirá para a defesa do herói.

Finalizando nossos comentários sobre as funções do espaço na literatura, acreditamos ser interessante mencionar um comentário que Osman Lins (1976) faz a respeito das mesmas. Segundo ele, muitas vezes, o próprio tempo é usado como função espacial.

Deve-se observar, aliás, que uma alusão ao tempo pode ter na verdade função espacial. Lê-se no capítulo II de Senhora: "Seriam nove horas do dia. / Um sol ardente de março esbate-se nas venezianas que vestem as sacadas de uma sala, nas Laranjeiras. / A luz coada pelas verdes empanadas debuxa com a suavidade do nimbo o gracioso busto de Aurélia sobre o aveludado escarlate do papel que forra o gabinete." O mês e a hora, aí, carecem de importância. O que interessa é o efeito da luz, às nove horas de um mês de março tropical, sobre a figura de Aurélia. Atestam-no as "verdes empanadas", a "luz coada", a "suavidade do nimbo", o "aveludado escarlate do papel". O romancista busca retratar a heroína sob iluminação favorável, situando-a num espaço encantado. (LINS, 1976, 110)

Portanto, observe-se como a complexidade das funções espaciais esbarra no próprio tempo. Essa passagem de Lins levanta uma questão de subordinação entre as categorias do espaço e tempo que se mostra bastante instigante para um oportuno aprofundamento.